

O IMPACTO DE USO DE ANTIDEPRESSIVOS NA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

THE IMPACT OF ANTIDEPRESSANT USE IN ADOLESCENCE AND YOUTH: A LITERATURE REVIEW

Fernando Aucco Marim¹, Josiane Medeiros da Silva², Kemyly Aparecida Roberto dos Santos³, Leslie da Silva Bispo⁴, Rafaela Brenda da Silva Dourado⁵, Sirlei Maciel Cardoso⁶, Yasmin Ramos Silva⁷

¹Docente do Curso Técnico de Farmácia, ETEC, Ilha Solteira-SP, fermarim97@gmail.com; ²Graduando em Técnico de Farmácia, ETEC, Ilha Solteira-SP, josidailha@hotmail.com; ³Graduando em Técnico de Farmácia, ETEC, Ilha Solteira-SP, kemylyroberto0411@gmail.com; ⁴Graduando em Técnico de Farmácia, ETEC, Ilha Solteira-SP, leslie_cbsilva14@hotmail.com; ⁵Graduando em Técnico de Farmácia, ETEC, Ilha Solteira-SP, rafaelabrendaisa@hotmail.com; ⁶Graduando em Técnico de Farmácia, ETEC, Ilha Solteira-SP, sirleisa2017@gmail.com; ⁷Graduando em Técnico de Farmácia, ETEC, Ilha Solteira-SP, yasminramossilva29@gmail.com

RESUMO- A depressão se caracteriza como um transtorno mental do humor sendo atualmente a principal causa de incapacidade no mundo, apresentando alta constante. A depressão na adolescência representa um desafio crescente para os serviços de saúde mental, especialmente diante do aumento de diagnósticos e da intensificação dos sintomas relacionados à pandemia da COVID-19. A prescrição de antidepressivos, embora eficaz em determinados casos, gera controvérsias quanto à sua segurança, adesão e eficácia em longo prazo. Este artigo tem como objetivo discutir, com base em uma análise crítica da literatura, os impactos do uso desses medicamentos em jovens, destacando fatores como automedicação, efeitos adversos, medicalização precoce e influência das redes sociais no agravamento do sofrimento psíquico. A partir da revisão de estudos nacionais, evidencia-se a necessidade de abordagens terapêuticas integradas, nas quais o farmacêutico desempenha papel fundamental na orientação, no acompanhamento e na promoção do uso racional de psicofármacos. Conclui-se que o tratamento da depressão em adolescentes deve ultrapassar a lógica exclusivamente medicamentosa, priorizando ações intersetoriais, educativas e humanizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Antidepressivos. Adolescência. Saúde Mental. Uso Racional de Medicamentos.

ABSTRACT- Depression is characterized as a mental mood disorder and is currently the leading cause of disability worldwide. Adolescent depression represents a growing challenge for mental health services, especially given the increase in diagnoses and the intensification of symptoms related to the COVID-19 pandemic. The prescription of antidepressants, although effective in certain cases, is controversial in terms of its safety, adherence and long-term effectiveness. This article aims to discuss, based on a critical analysis of the literature, the impacts of the use of these drugs in young people, highlighting factors such as self-medication, adverse effects, early medicalization and the influence of social networks on the worsening of psychological suffering. A review of national studies shows the need for integrated therapeutic approaches, in which pharmacists play a key role in guiding, monitoring and promoting the rational use of psychotropic drugs. It is concluded that the treatment of depression in adolescents

must go beyond the exclusively drug-based logic, prioritizing intersectoral, educational and humanized actions.

KEYWORDS: Antidepressants. Adolescence. Mental Health. Rational Use of Medicines.

1. INTRODUÇÃO

Caracterizada como um desafio de saúde pública, a depressão se classifica como um transtorno mental do humor, ocasionado por fatores diversos, relacionados a condições sociais, fatores patológicos e biológicos, na qual há uma perda significativa no desenvolvimento das atividades do cotidiano, a doença pode ser representada por desinteresse, falta de autoestima, dificuldade em realizar tarefas diárias, tristeza intensa, distúrbios do sono e alimentação, estado de ânimo irritável e alterações das atividades motoras (Cunha et al., 2022).

Segundo estudos de caráter científico a depressão tem relação com alterações dos receptores dos neurotransmissores, o que ocasiona uma disfunção do número destes neurotransmissores (Neves, 2015). A depressão é ocasionada por condições multifatoriais, dessa forma fatores biológicos, psicológicos e sociais influenciam para que o indivíduo tenha um episódio depressivo (Ministério da Saúde, 2022).

Uma das principais causas de incapacidade em todo o mundo é a depressão, é estimado que 300 milhões de pessoas, de todas as idades, são acometidas com esse transtorno, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde. Cada indivíduo apresenta uma condição psiquiátrica variando a gravidade, frequência e duração (Ministério da Saúde, 2022).

A doença se mostrou preocupante no Brasil, com o aumento de casos, houve aumento da demanda para serviços de saúde relacionados a saúde mental, o que trouxe sobrecarga do sistema de atendimento exigindo uma atualização na funcionalidade do serviço para que a demanda fosse suprida, esse aumento consequentemente proporcionou o aumento do uso de psicofármacos (Gonçalves, 2019). A depressão na adolescência configura-se como um problema de saúde pública crescente, marcado por fatores psicossociais complexos e por uma sintomatologia muitas vezes atípica, o que dificulta o diagnóstico e o tratamento precoce (Biazus; Ramires, 2012). Esse quadro tem sido agravado por condições como a vulnerabilidade social, a desestruturação familiar e, mais recentemente, os efeitos psicossociais da pandemia da COVID-19, que impactaram diretamente o bem-estar emocional de crianças e adolescentes (Santos et al., 2021; Neumann et al., 2020).

Estudos demonstram que o distanciamento social, o fechamento das escolas e a insegurança sanitária e econômica contribuíram para o aumento da ansiedade, da tristeza, do isolamento e até de ideação suicida entre os jovens (Barbosa et al., 2016; Junior et al., 2024). Diante dessa realidade, a utilização de antidepressivos se intensificou, sendo muitas vezes a primeira linha de intervenção em detrimento de abordagens psicoterapêuticas e psicossociais (Martins et al., 2022).

Os transtornos relacionados a mente são, muitas vezes, menosprezados e com o subjugamento da doença tem-se a dificuldade em procura de tratamento, assim como, o acesso a um serviço correto para situação, provocando um sofrimento expressivo no indivíduo acometido, advindo da resistência à procura de ajuda, além de fatores como condição social e vulnerabilidade financeira, o que gera dificuldade de diagnóstico, tratamento e acompanhamento do paciente (Cunha et al., 2022).

O caso clínico de depressão na adolescência vem sendo abordado e estudado recentemente, a alguns anos atrás a questão não era tão discutida, na década de 70 teve-se início a estudos relacionados a depressão na infância e adolescência, quando a doença passou a ser reconhecida no quadro clínico pela comunidade científica (Melo; Siebra; Moreira, 2017). Adolescentes que apresentam sintomas depressivos na adolescência tendem a tê-los de forma persistente e com longa duração (Barbosa et al., 2016), os fatores que influenciam a sintomas depressivos são amplos e estão relacionados a pobreza, dificuldade de acesso em educação, exposição a violência e abuso físico, sexual ou psicológico, por parte da família, escola ou comunidade, a crescente pressão acadêmica, familiar, as exigências do mercado de trabalho e o impacto das mídias sociais também corroboram para estados depressivos. Comportamento sedentário, consumo exagerado de tecnologia, redução de momentos de lazer e redução na prática de atividades físicas tem provocado nos adolescentes condição de estado deprimido, assim como ansiedade e estresse (Costa et al., 2021).

Fatores adversos também contribuem como fatores de risco, como desastres naturais e crises humanitárias, há exemplo tem-se a pandemia do COVID-19 que se iniciou em 2019 e teve seu fim decretado em 2023, com medidas de saúde pública adotadas no início da pandemia visando a não disseminação do vírus, foi adotado como uma das medidas, o distanciamento social e devido a esse distanciamento houve aumentos de casos de ansiedade, mudanças em aspectos sociais, depressão e estresse, o consumo de telas também demonstrou um aumento aproximado de 25%, acompanhado de decaimento no desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes (lanke et al., 2024).

Os antidepressivos começaram a ser introduzidos no Brasil na década de 1960, com a chegada dos primeiros medicamentos da classe dos antidepressivos tricíclicos, como a imipramina, esses medicamentos eram uma inovação na época e representaram um avanço significativo no tratamento da depressão (Onocko-Campos et al., 2012).

Segundo dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) (2021), a prescrição de antidepressivos para faixa etária de jovens de 15 a 24 anos aumentou 20% entre 2021 e 2023. Esse crescimento é notável e indica uma mudança no perfil de tratamento para transtornos mentais entre jovens e adultos. Apesar da ampla prescrição, o uso de antidepressivos em adolescentes envolve riscos consideráveis, como baixa adesão, efeitos adversos, ideação suicida e a possibilidade de uso inadequado, inclusive por automedicação, frequentemente influenciada por familiares (Valença; Guimarães; da Paixão Siqueira, 2020; Barboza et al., 2021). Embora medicamentos como os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS) apresentem melhor tolerabilidade, sua eficácia isolada é questionável, exigindo o acompanhamento clínico rigoroso e a integração com outras formas de cuidado (Ciusz; Colacite, 2024).

Além disso, há crescente preocupação com o impacto do uso excessivo de redes sociais sobre a saúde mental juvenil, contribuindo para sintomas depressivos, distorção da autoimagem, dependência digital e exposição a cyberbullying (Junior et al., 2024; Gonçalves, 2019). Esses fatores externos interagem com o contexto interno dos adolescentes e exigem um olhar clínico mais abrangente, que não se restrinja à intervenção medicamentosa.

Diante desse panorama, torna-se fundamental refletir sobre o uso racional de antidepressivos em adolescentes, considerando não apenas a sua eficácia clínica, mas também os aspectos éticos, sociais e educacionais que permeiam o cuidado em

saúde mental. É nesse contexto que a atuação do farmacêutico se mostra essencial; como profissional clínico, educador e promotor do uso seguro e apropriado de medicamentos; contribuindo para a construção de práticas terapêuticas mais integrais e humanizadas (Neves, 2015; Oliveira, 2020). Assim, compreender os impactos do uso de antidepressivos entre jovens exige uma abordagem crítica, ética e interdisciplinar, que vá além da farmacoterapia isolada e considere a complexidade do sofrimento psíquico na adolescência. Baseado nisso, este artigo tem como objetivo analisar criticamente o impacto do uso de antidepressivos na saúde mental de adolescentes, à luz da literatura científica recente, investigar as causas do aumento do uso de antidepressivos no Brasil, destacando as consequências e implicações para saúde mental da população, bem como avaliar práticas de prescrição e alternativas terapêuticas, destacando os principais riscos, benefícios, limitações terapêuticas e a importância da atuação do farmacêutico na promoção do uso racional desses medicamentos no contexto do cuidado multiprofissional.

2. METODOLOGIA

O estudo foi elaborado através de revisão bibliográfica da literatura, analisando conceitos revisões de estudo na literatura, usando como base de dados artigos biblioteca eletrônica Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o repositório acadêmico Google Acadêmico, usando como descrição para busca de artigos e desenvolvimento da pesquisa: Depressão, adolescente, pandemia, antidepressivo, saúde mental, jovens, medição.

A partir dos resultados encontrados foram selecionados artigos científicos que apresentavam embasamento teórico sobre o tema em que está abordado. Foram selecionados artigos cuja relevância do assunto se apresentava de forma significativa, excluindo resumos, artigos considerados irrelevantes ou sem fundamento para a pesquisa e que não abordavam a temática, assim como textos incompletos. Foram selecionados 17 artigos entre o ano 2012 e 2024 nos idiomas português e inglês com assunto relacionado ao impacto do uso de antidepressivos na adolescência.

Os artigos analisados demonstraram o aumento de causas de depressão em jovens e adolescentes, bem como as estratégias de intervenção destacando a necessidade de tratamento medicamentoso e os prejuízos relacionados aos efeitos colaterais dos medicamentos, enfatizando a necessidade de abordagem específica para cada paciente, além de suporte multiprofissional.

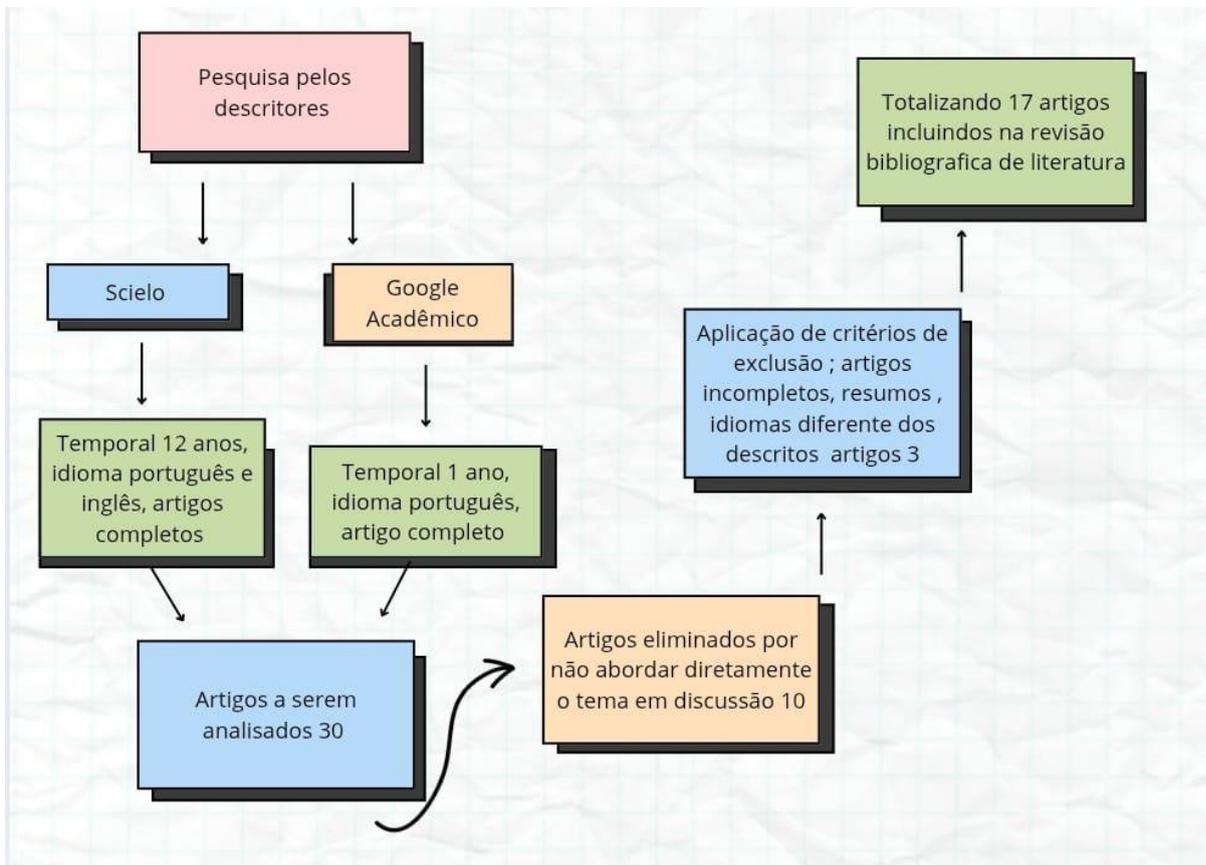
3. JUSTIFICATIVA

Tendo em vista o aumento do uso de antidepressivos entre jovens no Brasil e um fenômeno que merece atenção e investigação aprofundada, dado seu impacto significativo na saúde pública. Nos últimos anos, foi observado um crescimento expressivo na prescrição desses medicamentos, refletindo não apenas na necessidade de conscientização sobre a saúde mental, mas também a complexidade das condições psicológicas enfrentadas pela população, em especial, o público jovem.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na tabela 1 estão apresentados os artigos científicos pesquisados para compor o presente trabalho, assim como, o título, autores, objetivos e conclusões de cada um dos artigos utilizados para compor o trabalho. O fluxograma apresentado na figura 1 esboça a descrição da pesquisa.

4.1 RESULTADOS



Fluxograma: métodos de seleção de artigos

Título	Autor	Objetivos	Conclusões
Uso de antidepressivos na adolescência: uma revisão narrativa	Rebecca Pillar Lira da Cunha	Investigar os fatores de risco e busca estratégias de intervenção para promover a saúde mental dos adolescentes.	No tratamento da depressão, os medicamentos desempenham um papel central. Aprofundar o conhecimento sobre essa prática terapêutica pode trazer novas perspectivas e aprimorar os resultados.
Tratamento Farmacológico da Depressão	Antônio Luís Alexandre Neves	Uma melhor compreensão da depressão poderá permitir avanços ao nível da prevenção e do diagnóstico, mas também ao nível do tratamento farmacológico e	Os estudos epidemiológicos mais recentes demonstram que as perturbações psiquiátricas e os problemas de saúde mental são umas das principais causas de incapacidade e de



		contribuir para uma melhoria do bem-estar dos doentes e familiares.	morbilidade nas sociedades atuais.
Na América Latina, Brasil é o país com maior prevalência de depressão	Fran Martins	Abordar a depressão como um transtorno mental complexo e prevalente, especialmente no Brasil, com causas multifatoriais e sintomas que prejudicam a vida diária.	A depressão é um problema de saúde pública que exige conscientização, informação e ação para promover o bem-estar mental.
Ansiedade e depressão na população jovem: Tratamentos, eventos adversos e atuação farmacêutica.	Mayara Fernandes Gonçalves	Enfatizar a importância de um cuidado abrangente para jovens com ansiedade e depressão, com o farmacêutico desempenhando um papel fundamental nesse processo.	A ansiedade e a depressão em adolescentes são um problema sério, com diagnóstico difícil devido à confusão com comportamentos da idade
Depressão em Adolescentes: Revisão da Literatura e o Lugar da Pesquisa Fenomenológica	Anna Karyne Melo	Interesse científico pela depressão em crianças e adolescentes cresceu significativamente. Esse aumento foi impulsionado pelo reconhecimento do quadro clínico e pelo desenvolvimento de escalas de avaliação mais precisas.	A depressão continua sendo um problema crescente na sociedade atual, afeta principalmente adolescentes e continua sendo foco de muitas pesquisas.
Sintomas depressivos em adolescentes em situação de vulnerabilidade social.	Diego Grasel Barbosa	Entender melhor como a depressão se manifesta em adolescentes em situação de vulnerabilidade social, considerando tanto os sintomas quanto os fatores sociais e comportamentais que	A depressão é comum entre adolescentes em vulnerabilidade social. Sintomas como baixa autoestima são indicadores importantes. Melhorar as condições sociais, com mais acesso a educação, saúde e lazer, pode ajudar a reduzir a depressão nesse grupo.



		podem estar relacionados.	
Inatividade física e sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes estudantes	Marcos Paulo da Silva Costa	A combinação perigosa de sedentarismo, uso excessivo de tecnologia, falta de lazer e pouca atividade física tem um impacto devastador na saúde mental dos adolescentes.	Os estudantes adolescentes do sistema público de ensino demonstraram alto índice de inatividade física. Além disso, esses estudantes vivenciam aspectos negativos de ansiedade, estresse e depressão.
O uso de antidepressivos na adolescência: uma revisão bibliográfica	Jean Colacite	A depressão na adolescência exige uma abordagem de tratamento integrada, combinando psicoterapia e, em alguns casos, o uso de antidepressivos.	Essa estratégia visa aliviar os sintomas e prevenir complicações futuras nos âmbitos psicológico, social e emocional do adolescente.
Prescrição e uso de antidepressivos em crianças e adolescentes – uma revisão da literatura	Renata Cristiny Pereira Valença; Shayane Barros Guimarães; Lidiany da Paixão Siqueira.	A depressão é um transtorno mental crescente na sociedade atual, buscando ampliar a compreensão da doença e suas repercussões nessa faixa etária.	O estudo destaca a necessidade de uma compreensão mais profunda dos fatores que influenciam a automedicação em crianças, especialmente no contexto do acesso aos serviços de saúde.
Uso de Antidepressivos em Adolescentes: Uma Revisão de Escopo	Bruna Amaral de Oliveira	O aumento do uso de antidepressivos em adolescentes nas últimas décadas é um fenômeno global. No entanto, estudos alertam para o risco de aumento de pensamentos e comportamentos suicidas nessa população com transtorno depressivo maior.	Para garantir o uso racional e seguro desses medicamentos, é crucial compreender os contextos em que são utilizados e desenvolver ações preventivas eficazes.



Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos	Camilla Baldicera Biazus; Vera Regina Röhnelt Ramires.	Compreender como a criança representa mentalmente suas experiências e como ela entende seus próprios estados mentais e os dos outros é crucial para entender e tratar a depressão em adolescentes.	O estudo mostra que as experiências emocionais da infância, especialmente as relações de apego, têm um impacto significativo na saúde mental na adolescência
Covid e Depressão: o reflexo da pandemia na utilização de antidepressivos por adolescentes	Elem Shyrlém do Nascimento Ana Lara Mendes Duarte	Compreender as consequências do uso de antidepressivos em adolescentes	A pandemia trouxe consequências profundas e duradouras para a saúde mental, especialmente entre os adolescentes. O isolamento social exacerbado não apenas intensificou problemas preexistentes, mas também gerou novos desafios emocionais e psicológicos.
Reflexo da pandemia na saúde mental dos adolescentes	Thaynan Silva Santos; Noelle Silva Pedroza; Claudia Donelate; Angela Maria Bittencourt Fernandes da Silva.	Compreensão do isolamento social na vida de adolescentes	A pandemia junto com o distanciamento social, por mais que necessário, pode ser considerada um determinante que afeta diferentes dimensões sociais e emocionais dos adolescentes
Impacto da pandemia por COVID-19 sobre a saúde mental de crianças e adolescentes: Uma revisão integrativa	Ana Neumann; Fabíola Maria Kalfels; Fernanda Schmalz; Rayanne Louise Marinoso da Rosa.	Analisar os impactos gerados na saúde mental infantil em decorrência do isolamento social provocado pela atual pandemia	O afastamento quase total das crianças e adolescentes do convívio social durante a pandemia de COVID-19 causou não apenas prejuízos no ensino, mas também expôs crianças e adolescentes a danos psicológicos devido ao isolamento social.
O uso de antidepressivos na adolescência e sua automedicação	Maviael Pereira Barboza; David Breno da Silva Medeiros; Natália Millena da Silva; Pâmella Grasielle Vital Dias de Souza.	Verificar quais as principais características de uso de antidepressivos na adolescência e sua automedicação como também um dos principais motivos que	Identificar os antidepressivos mais usados pelos adolescentes e os riscos causados pela prática da automedicação.

		ocasiona a depressão na adolescência.	
Uso de Antidepressivos em Adolescentes: uma Revisão Sistemática da Literatura	Jéssyka Viana Valadares Franco; Liandra Viana Rosa; Silne Maria Lopes Rio Preto.	Revisão sistemática sobre o uso de antidepressivos em adolescentes.	Terapia farmacológica deve ser baseada na sintomatologia apresentada por cada paciente
Adolescência e redes sociais: A contribuição do uso indiscriminado das mídias no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos.	Wladimir Pereira Courte Junior; Táciilla Rodrigues Ribeiro; Natiely Alves da Silva; João Marcos Faria Gonçalves; Myrna Miranda Dorneles; Geraldo Procopio de Oliveira Neto; Cloves José Marques Neto; Filipe Cândido Vieira; Lucas França Arataque; Denise Ramos Costa.	Compreender os fatores que levam ao desenvolvimento de transtornos psiquiátricos em adolescentes devido ao uso das redes sociais	Uma abordagem multifacetada envolvendo famílias, escolas e profissionais de saúde é crucial para promover o uso responsável das redes sociais e proteger a saúde mental dos adolescentes.

Tabela: artigos selecionados para discussão

4.2 DISCUSSÃO

Características da depressão

A depressão um problema grave de saúde pública, frequentemente referida como o “mal do século”. A crescente dependência de medicamentos antidepressivos por parte de muitos indivíduos evidencia a gravidade dessa condição. Segundo Neves (2015) a Organização Mundial da Saúde (ONU) considera a depressão uma desordem de humor apresentando muitas facetas e uma variedade de possíveis etiologias que provoca forte impacto na qualidade de vida do doente e dos seus familiares. A doença é considerada um problema de saúde pública, tendo em vista o aumento no número de casos e as suas consequências sociais. A porcentagem de doentes com depressão que desenvolvem tendências suicidas e tem chance de evoluir para tentativa de atentar contra a própria vida é alta em determinadas condições, muitas vezes alcança a fatalidade. Se torna cada vez mais prevalente o número de pessoas acometidas, atingindo diversas faixas etárias, com uma incidência alarmante entre crianças e adolescentes.

A doença advém de diversos fatores como sociais, biológicos e patológicos, e se apresenta através de uma grande tristeza e sentimento de perda, desinteresse e baixa sensação de prazer, comportamento punitivo, baixa autoestima, cansaço extremo, falta de concentração e distúrbios de alimentação e de sono. Com potencial de minar as capacidades funcionais da pessoa afetada, o transtorno implica diretamente nas relações sociais e interações nesse meio, também a capacidade de desenvolver atividades diárias, e em quadros extremos pode levar ao suicídio (Cunha et al. 2022).

Causas da depressão em jovens e adolescentes

A adolescência é uma fase de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, marcada por instabilidades na construção da identidade, redefinição de vínculos afetivos e busca por autonomia (Biazus & Ramires, 2012). Nesse período, é comum o surgimento de quadros de sofrimento psíquico, os quais, quando não adequadamente reconhecidos e acompanhados, podem evoluir para transtornos como a depressão e a ansiedade. Estudos apontam que fatores como vulnerabilidade social, exposição ao estresse precoce, uso abusivo de redes sociais e ausência de suporte emocional contribuem significativamente para o desenvolvimento desses quadros (Barbosa et al., 2016; Junior et al., 2024).

Biazus e Ramires (2012) discutem a depressão na adolescência como um fenômeno vinculado à fragilidade nos vínculos afetivos formados ao longo do desenvolvimento. Padrões de apego que transmitem insegurança na infância podem comprometer a capacidade de mentalização e a função reflexiva, elementos fundamentais para a inserção da criança como indivíduo na sociedade, através das transformações típicas na adolescência. Esse período é marcado por intensas perdas simbólicas e reorganizações internas, exigindo que o sujeito reconstrua sua identidade psíquica e social. A falta de suporte nos vínculos estabelecidos pode acarretar certa dificuldade de reorganizar seu sistema de representações, dessa forma, emergem os sintomas depressivos como reflexo do sofrimento. Assim, se destaca a importância de intervenções que fortaleçam os vínculos e promovam o desenvolvimento da função simbólica.

Pode-se relacionar também o sedentarismo como um dos fatores relacionados à saúde mental, o sedentarismo contribui para o aumento dos sintomas de depressão e ansiedade entre os adolescentes. O estudo de Costa et al. (2021), realizado com 516 estudantes do ensino médio da rede pública em Goiânia, resultou em uma preocupante prevalência de inatividade física entre adolescentes, em especial entre os matriculados em escolas de tempo integral, associada a sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Foi demonstrado através da pesquisa que aproximadamente 93% dos participantes apresentavam inatividade física. A análise revelou ainda que estudantes de tempo integral relataram maior frequência de sentimentos de desesperança e menor engajamento em atividades físicas moderadas a vigorosas. Os dados sugerem uma correlação entre o estilo de vida sedentário e o agravamento da saúde mental entre os adolescentes, e enfatiza que a prática regular de atividade física pode ser relacionada como fator protetivo relevante.

Barbosa et al. (2016) identificou altos índices de sintomas depressivos em adolescentes em situação de vulnerabilidade social em Florianópolis, utilizando o Children's Depression Inventory (CDI) como instrumento de rastreio. Os principais indicadores associados aos altos escores foram "baixa autoestima", "fadiga" e "alterações no peso", sendo os indivíduos do sexo masculino os que apresentaram maiores médias de pontuação. Os resultados não variaram significativamente com fatores como etnia ou tempo de exposição a mídias, evidenciando a influência predominante das condições sociais adversas sobre a saúde mental. Os resultados obtidos reforçam a importância de considerar o contexto de risco social como um fator crítico no desenvolvimento de quadros depressivos, sugerindo a necessidade de intervenções específicas e integradas para esse público vulnerável.

A revisão sistemática realizada por Melo, Siebra e Moreira (2017) reuniu 159 estudos sobre depressão em adolescentes publicados entre 2002 e 2012, identificando cinco categorias temáticas predominantes: sintomas depressivos,

variabilidade sintomatológica, fatores de risco, comorbidades e relação com o suicídio. Os sintomas entre adolescentes muitas vezes se expressam de forma distinta da depressão adulta, incluindo irritabilidade, comportamentos de risco, alterações no sono e queda no desempenho escolar. Dessa maneira, é necessário a ampliação do debate científico sobre a depressão juvenil, incorporando abordagens compreensivas que deem voz à vivência singular do adolescente, para além de critérios classificatórios padronizados.

Demais fatores, como as redes sociais influenciam o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos entre os jovens, o uso excessivo das redes sociais pode agravar problemas de saúde mental. Junior et al. (2024) a exposição prolongada às mídias digitais está associada ao aumento de casos de ansiedade, depressão, TDAH, transtornos alimentares e comportamentos auto lesivos. Elementos como cyberbullying, comparação social e dependência digital foram apontados como principais fatores agravantes. Os autores defendem uma abordagem multidisciplinar envolvendo escola, família e profissionais de saúde para promoção do uso consciente das redes e proteção à saúde mental dos adolescentes, destacando a relevância da educação digital e da intervenção precoce.

A complexidade multifatorial da depressão na adolescência, parte de vários determinantes subjetivos em relação ao adoecimento psíquico. Biazus e Ramires (2012) enfatizam a dimensão simbólica e vincular do sofrimento depressivo, associando-o à falha na reorganização psíquica durante a adolescência, especialmente em indivíduos com histórico de insegurança familiar. Essa perspectiva psicanalítica é complementada por dados apresentados por Costa et al. (2021), que denota uma forte correlação entre inatividade física e aumento de sintomas depressivos, ansiosos e de estresse em adolescentes, especialmente em ambientes escolares de tempo integral. A influência do contexto social também é destacada por Barbosa et al. (2016), que relata a alta prevalência de sintomas depressivos entre jovens em situação de vulnerabilidade social, com destaque para a baixa autoestima e a fadiga como indicadores predominantes. Melo, Siebra e Moreira (2017) propõe uma visão abrangente, evidenciando a diversidade sintomatológica e os múltiplos fatores associados à depressão juvenil. Assim, é destacado que a depressão na adolescência não pode ser compreendida de forma simplificada, exigindo abordagens interdisciplinares que contemplem o corpo, a mente, os vínculos afetivos e o contexto sociocultural do jovem.

Relação da pandemia do COVID-19 e o aumento dos casos de depressão entre jovens

Um cenário que contribuiu para que os jovens desenvolvessem estados depressivos foi a pandemia do COVID-19. De acordo com Neumann et al. (2020), as principais causas dos impactos causados pela pandemia foram o distanciamento social, isolamento e ausência do estudo presencial, o que afetou diretamente crianças e adolescentes, causando estresse, ansiedade e depressão. O distanciamento do meio escolar diminuiu os compromissos dos estudantes, fazendo com que passassem mais tempo em frente às telas, afetando diretamente a alimentação, a qualidade do sono e acarretou uma predisposição ao sedentarismo. O distanciamento social resultou em um impacto exacerbado na saúde física e mental de jovens e adolescentes.

A pesquisa de Nascimento e Duarte (2022) investigou, por meio de uma revisão integrativa da literatura, os reflexos da pandemia da COVID-19 sobre o uso de antidepressivos por adolescentes, destacando o agravamento de transtornos mentais como depressão e ansiedade durante o período de isolamento social. O estudo aponta

que, embora os adolescentes apresentem menor risco clínico de complicações pela COVID-19, foram intensamente afetados psicologicamente pela interrupção de rotinas escolares e sociais, o que trouxe aumento da solidão, medo, instabilidade familiar e insegurança quanto ao futuro. Como consequência, verificou-se um crescimento expressivo na medicalização desse grupo, com uso, muitas vezes inadequado, de antidepressivos. A automedicação também é destacada como um fenômeno preocupante, agravado pela desinformação, fácil acesso aos medicamentos e ausência de acompanhamento profissional.

O estudo de Santos et al. (2021), realizado com adolescentes de cursos técnicos de uma instituição pública em São Gonçalo (RJ), evidenciou impactos significativos da pandemia da COVID-19 na saúde mental dessa população. Por meio de um questionário online com abordagem quanti-qualitativa, observou-se que o isolamento social contribuiu para sentimentos intensos de tristeza, ansiedade, solidão, além de favorecer alterações nos relacionamentos interpessoais, redução de atividades físicas e aumento do tempo em redes sociais e jogos eletrônicos. A maioria dos participantes relatou mudanças na rotina familiar e experiências próximas com casos de infecção ou óbito por COVID-19, o que reforça ainda mais o cenário de vulnerabilidade emocional. Com a pandemia se intensificou quadros psíquicos como depressão, fobia social e ideação suicida, sendo a atuação da terapia ocupacional considerada relevante no enfrentamento dessas demandas. Dessa forma, o artigo evidencia a pandemia como um determinante negativo para o bem-estar psíquico dos adolescentes, ressaltando a importância de estratégias terapêuticas adaptadas ao contexto de distanciamento.

Segundo Santos et al. (2021), o estudo identificou que 90% dos adolescentes sentiam falta do contato com outras pessoas. Outras emoções expressadas durante o processo de distanciamento social incluíram desânimo (76,6%) e tristeza (65,5%), enquanto a depressão (29,1%) também foi citada pelos jovens que participaram do estudo. A paralisação do convívio social afetou o estado emocional e psicológico dos adolescentes, substituindo vínculos de amizade, amor e carinho por relações e interações negativas, como ausência e solidão, o que prejudicou a função emocional, trazendo um desequilíbrio no psíquico.

Nascimento e Duarte (2022) complementa que, durante a pandemia, o medo aumentou consideravelmente os níveis de estresse e ansiedade em jovens considerados saudáveis, potencializando os sintomas e fazendo com que desenvolvessem transtornos mentais frequentes em adolescentes, o que consequentemente resultou em um aumento do uso de antidepressivos. Quando diagnosticados com COVID-19, esses sintomas e sentimentos, como culpa, medo, ansiedade e insônia, foram ainda mais intensificados.

Neumann et al. (2020) destaca que o distanciamento social, o fechamento das escolas e a insegurança socioeconômica intensificaram significativamente quadros de ansiedade, estresse e depressão no público adolescente. A ruptura abrupta da rotina escolar e familiar, aliada ao afastamento de redes de proteção social, aumentou a vulnerabilidade de crianças expostas a situações de violência, negligência e insegurança alimentar. Os impactos foram ainda mais expressivos em grupos já fragilizados, como crianças com necessidades especiais ou pertencentes à comunidade LGBTQIA+, para os quais o confinamento familiar foi um fator agravante relacionado ao sofrimento psíquico. Os autores destacam que a solidão, ocasionada pelo isolamento prolongado, mostrou-se fortemente associada ao surgimento e agravamento de transtornos mentais, podendo gerar efeitos duradouros. Nascimento complementa dizendo que a pandemia foi uma das principais responsáveis por

ocasionar esses danos psicológicos devido ao isolamento social entre jovens e adolescentes. Diante desse cenário, fica evidente a necessidade de políticas públicas que ampliem o acesso a cuidados em saúde mental e desenvolvam estratégias protetivas eficazes durante e após a pandemia.

Diante do cenário pandêmico que se instaurou pela COVID-19, um agravamento substancial nos indicadores de saúde mental entre crianças e adolescentes foram relatados. Santos et al. (2021) destaca que o isolamento social e a interrupção da rotina escolar tradicional afetaram diretamente os adolescentes, promovendo sentimentos de ansiedade, tristeza e solidão, além de alterações no comportamento e nas relações familiares. Esse impacto também é corroborado por Neumann et al. (2020), que destaca, a intensificação de vulnerabilidades pré-existentes e o surgimento de novos fatores de risco psicossocial, intensificado em grupos com necessidades especiais ou inseridos em contextos de maior fragilidade social. Complementando essa perspectiva, Nascimento e Duarte (2022) aponta para o crescimento preocupante do uso de antidepressivos entre adolescentes durante a pandemia, muitas vezes sem acompanhamento profissional adequado, reforçando a medicalização como resposta a um sofrimento psíquico que, por vezes, carece de abordagens mais amplas e integradas, reforçando a importância da atuação farmacêutica na orientação do uso racional de medicamentos, bem como da integração multiprofissional no cuidado à saúde mental dos adolescentes, especialmente diante do risco de dependência, reações adversas e agravamento de quadros psiquiátricos.

Impactos causados pelo uso de medicamentos antidepressivos no público jovem e adolescente

A depressão pode ser situada como um transtorno multifatorial e de elevada prevalência global, que tem impacto direto na qualidade de vida do indivíduo, nesse contexto, Neves (2015) apresenta uma revisão abrangente sobre o tratamento farmacológico da depressão, explorando a evolução histórica, fisiopatologia e os mecanismos de ação das principais classes de antidepressivos. Apesar da diversidade de fármacos disponíveis, a eficácia terapêutica entre as classes é semelhante, sendo a escolha do medicamento pautada por critérios clínicos individuais. São discutidos em profundidade os Inibidores da Monoamina Oxidase (IMAO), Antidepressivos Tricíclicos (ADT), Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS), e outros agentes atípicos, abordando seus mecanismos de ação, farmacocinética, efeitos adversos e interações medicamentosas.

O uso de antidepressivos tem um impacto multifacetado, tanto positivo quanto negativo. Em termos de benefícios, os antidepressivos podem aliviar sintomas de depressão e outros transtornos de humor, melhorando o bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos. No entanto, eles também podem causar uma série de efeitos colaterais, que variam dependendo do tipo de antidepressivo e da reação individual do paciente. Os antidepressivos podem ajudar a restaurar o equilíbrio químico no cérebro, reduzindo sintomas como tristeza, perda de interesse e fadiga. Ao aliviar os sintomas de depressão, os antidepressivos podem permitir que as pessoas retomem suas atividades diárias e desfrutem mais da vida. Alguns estudos sugerem que os antidepressivos podem melhorar a capacidade do cérebro de aprender e crescer, um processo conhecido como neuroplasticidade (Neves, 2015).

Embora os antidepressivos representem uma ferramenta eficaz, questões como adesão ao tratamento, efeitos colaterais e resposta terapêutica variável são desafios constantes na prática clínica. Os antidepressivos podem causar uma

variedade de efeitos colaterais, que incluem problemas gastrointestinais, cefaleia, tonturas, alterações no sono, disfunções sexuais e aumento de peso. Em alguns casos, o uso de antidepressivos pode levar à dependência, principalmente com o uso de benzodiazepínicos. Os antidepressivos podem interagir com outros medicamentos, aumentando o risco de efeitos colaterais graves. Alguns estudos indicam um aumento do risco de suicídio em jovens com idade entre 18 e 24 anos que estão tomando antidepressivos. Alguns antidepressivos podem causar disfunções sexuais, como diminuição do desejo sexual e dificuldades de ereção. Diante disso, se faz necessário destacar a importância de um acompanhamento multiprofissional, que considere aspectos psicossociais e fisiológicos na condução terapêutica, havendo a necessidade de uma abordagem individualizada no manejo da depressão (Ciusz; Colacite, 2024; Martins et al., 2022).

Em relação ao diagnóstico do estado depressivo em jovens e adolescente, é importante enfatizar que muitas vezes os sintomas depressivos leves a moderados se confundem com comportamentos típicos da faixa etária, o que dificulta a identificação precoce. Cunha et al. (2022) através de seu estudo relata a necessidade de diagnósticos cuidadosos e individualizados, apontando a farmacoterapia como estratégia principal, especialmente e quando associada à psicoterapia, sinalizando também para o risco de banalização da prescrição de antidepressivos, o que reforça a necessidade de capacitação dos profissionais envolvidos no cuidado desses jovens.

Barboza et al. (2021) revelou que o uso de antidepressivos como fluoxetina, amitriptilina, sertralina e paroxetina tem aumentado entre os jovens, com destaque para a fluoxetina como a mais prescrita. Outro fator de alerta é em relação à automedicação e seus riscos, comum nesse grupo etário, destacando efeitos adversos e potenciais de dependência. A escolha pelo tratamento medicamentoso, muitas vezes, decorre da escassez de recursos terapêuticos não farmacológicos, além de ser fortemente influenciada pela percepção familiar. Deve-se destacar a necessidade de avaliação clínica aprofundada e do fortalecimento das políticas públicas de saúde mental, apontando o papel essencial do farmacêutico na promoção do uso racional e seguro desses medicamentos (Oliveira, 2020).

O uso de antidepressivos em adolescentes, acarretam reações indesejáveis e efeitos colaterais. A importância da farmacoterapia como parte de um plano terapêutico amplo colaboram para minimização de possíveis reações indesejadas. Se faz importante destacar que existem lacunas significativas no que diz respeito à eficácia e segurança desses fármacos nessa faixa etária, o que denota a necessidade de uma avaliação psiquiátrica criteriosa e da atuação farmacêutica orientadora. Apesar da importância dos medicamentos, há riscos de reações adversas e impacto comportamental negativo que devem ser destacados, o que sugere a farmacoterapia como adjuvante e não a única abordagem no manejo da depressão em jovens (Ciusz; Colacite, 2024). Gonçalves (2019) reforça a atuação do farmacêutico como sendo crucial para o acompanhamento terapêutico e orientação segura do paciente. Quando explorado os aspectos clínicos e terapêuticos da ansiedade e da depressão em jovens, com destaque para os tratamentos medicamentosos e os eventos adversos associados, é salientado que a adolescência é um período de reorganização emocional intensa, e o uso de medicamentos deve ser cuidadosamente avaliado, preferencialmente integrado a abordagens psicossociais e educativas. Se enfatiza que tanto ansiolíticos quanto antidepressivos podem provocar reações negativas significativas, mencionando efeitos adversos como náuseas, ganho de peso, sonolência, letargia, disfunções sexuais, podendo alcançar casos mais graves como agravamento de sintomas e ideias suicidas.

A revisão sistemática realizada por Martins et al. (2022) analisou os efeitos dos antidepressivos em adolescentes e aponta para uma diversidade de prescrições, com variações conforme o perfil sintomatológico dos pacientes. A adesão ao tratamento depende não apenas da eficácia medicamentosa, mas também do acompanhamento terapêutico e da orientação sobre os efeitos adversos. Se faz necessário ressaltar que a farmacoterapia deve ser ajustada à individualidade do paciente, considerando os múltiplos fatores biopsicossociais envolvidos.

As práticas inadequadas em relação ao uso de antidepressivos bem como seus riscos associados, ressalta que muitas vezes a administração do medicamento não recebe o devido acompanhamento profissional, esse fator pode ser associado a dificuldade de acesso a atendimento médico especializado, o que atinge principalmente jovens em condições de vulnerabilidade social. Valadares; Rosa & Preto, (2022) avalia o contexto da prescrição e uso de antidepressivos entre crianças e adolescentes, destacando os riscos associados à automedicação e à medicalização precoce. Há uma prevalência significativa de medicamentos não prescritos sendo administrados por familiares, especialmente mães, o que revela a fragilidades no sistema de orientação e acompanhamento.

Os estudos revisados evidenciam que o uso de antidepressivos na adolescência é um fenômeno em expansão, impulsionado tanto pelo aumento de diagnósticos de transtornos psíquicos quanto pela escassez de recursos terapêuticos não farmacológicos. Trabalhos como os de Oliveira (2020); Martins et al. (2022) e Cunha et al. (2022) destacam que, embora os antidepressivos representem uma ferramenta importante no manejo da depressão juvenil, seu uso demanda cautela, avaliação criteriosa e monitoramento contínuo, dadas as peculiaridades clínicas e emocionais dessa faixa etária. Além disso, os resultados apontam para uma tendência preocupante de automedicação e prescrição excessiva, frequentemente influenciada por familiares ou pela ausência de suporte psicossocial adequado reforçando a necessidade da criação de políticas públicas voltadas à educação em saúde e ao combate à automedicação, destacando o farmacêutico como agente-chave para a segurança do uso de medicamentos na infância e adolescência (Valadares; Rosa; Preto, 2022). Há uma urgência de estratégias educativas que promovam o uso racional de medicamentos e incentivem o acompanhamento profissional, especialmente por farmacêuticos, diante da fragilidade diagnóstica e dos riscos associados à medicalização precoce (Barboza et al., 2021).

Outro ponto recorrente é a influência de fatores contextuais, como o uso abusivo de redes sociais (Junior et al., 2024), que se mostra diretamente associado ao aumento de sintomas de ansiedade, depressão e comportamentos auto lesivos entre adolescentes. A medicalização precoce, nesse cenário, surge muitas vezes como resposta a sofrimentos que possuem raízes emocionais, sociais e relacionais profundas. Assim, os dados reforçam a necessidade de uma abordagem integrada, em que a farmacoterapia seja aliada à escuta qualificada, à terapia psicológica e ao fortalecimento dos vínculos sociais. A atuação farmacêutica é destacada em diversos estudos como essencial na orientação sobre o uso racional dos medicamentos, prevenção de eventos adversos e combate à automedicação, reafirmando seu papel educativo e clínico no cuidado em saúde mental.

Há a necessidade de compreensão do tratamento farmacológico da depressão, sua eficácia, limitações e particularidades das diferentes classes de antidepressivos. Embora as opções terapêuticas disponíveis tenham mecanismos de ação distintos, não há evidências consistentes de superioridade clínica entre elas, o que reforça a necessidade de uma escolha individualizada, baseada nas características clínicas,

comorbidades e perfil do paciente. É importante apontar para uma abordagem mais centrada na pessoa do que na doença. Além disso, a resposta aos antidepressivos pode ser lenta e heterogênea, exigindo do profissional de saúde não apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade clínica para lidar com aspectos como adesão ao tratamento, manejo de efeitos colaterais e expectativas do paciente (Neves, 2015; Oliveira, 2020; Martins et al., 2022).

5. CONCLUSÃO

A depressão na adolescência pode ser evidenciada em uma natureza multifacetada desse fenômeno, ocasionada por interações entre fatores individuais, relacionais e socioculturais. Os trabalhos apontam que, embora a adolescência seja uma fase esperada de transições e desafios, contextos adversos como vínculos afetivos frágeis, vulnerabilidade social, sedentarismo e o rompimento de rotinas essenciais, como ocorreu durante a pandemia da COVID-19, podem intensificar a manifestação de sintomas depressivos.

Identificou-se ainda que o sofrimento psíquico nessa faixa etária frequentemente se expressa de forma atípica, exigindo olhares clínicos atentos e contextualizados. A insuficiência de abordagens terapêuticas integradas, bem como a medicalização crescente do sofrimento juvenil também se apresentam como problemas a serem abordados. Diante desse cenário, torna-se urgente a formulação de estratégias que priorizem a promoção da saúde mental dos adolescentes, com ações educativas, preventivas e de cuidado contínuo, que contemplem não apenas a redução dos sintomas, mas trabalhe sobretudo com a escuta, o fortalecimento de vínculos e a reconstrução de sentidos em suas trajetórias de vida. Assim, a compreensão e o enfrentamento da depressão entre adolescentes, requer o compromisso de diferentes setores sociais e profissionais com uma abordagem ética, crítica e humanizada.

Os resultados desses estudos indicam que a depressão na adolescência é um problema multifatorial, com consequências de longo prazo, sendo influenciada por fatores emocionais, sociais e tecnológicos. Para entender melhor o impacto do aumento do uso de antidepressivos entre os jovens e desenvolver soluções mais eficazes para reverter essa situação, é preciso mais investigações. As evidências a respeito da complexidade da depressão e de outros transtornos mentais na adolescência, destacando suas múltiplas determinações e a crescente medicalização como resposta terapêutica predominante levanta olhares para forma na qual a situação está sendo conduzida. Ao observa-se um aumento significativo da prescrição e do uso de antidepressivos, muitas vezes sem o acompanhamento necessário, o que levanta preocupações quanto à segurança, à eficácia e ao uso racional desses medicamentos nessa população, nesse sentido, o acompanhamento multiprofissional, incluindo a atuação do farmacêutico, torna-se fundamental para garantir segurança, eficácia e suporte ao paciente em tratamento, de forma contínua. Assim, o estudo reforça a complexidade da farmacoterapia na depressão e a necessidade de abordagens integradas que ultrapassem a lógica exclusivamente medicamentosa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Diego Grasel et al. Sintomas depressivos em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 221-227, 2016.

Disponível em: DOI: 10.1590/1414-462X201600020195. Acesso em outubro de 2024.

BARBOZA, Mavíael Pereira et al. O uso de antidepressivos na adolescência e sua automedicação. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e310101522995-e310101522995, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22995>. Acesso em abril de 2025.

BLAZUS, Camilla Baldicera; RAMIRES, Vera Regina Röhne. Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos. **Psicologia em Estudo**, v. 17, p. 83-91, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/RskXKnYD4frXYKQrmzGdGMn/?lang=pt>. Acesso em abril de 2025.

CIUSZ, Sueli Borges; COLACITE, Jean. O uso de antidepressivos na adolescência: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 1, p. 2756-2772, 2024. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n1-223>. Acesso em fevereiro de 2025.

COSTA, Marcos Paulo da Silva et al. Inatividade física e sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes estudantes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, p. eAPE03364, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO03364>. Acesso em outubro de 2024.

DA CUNHA, Rebecca Pillar Lira, et al. "Uso de antidepressivos na adolescência: uma revisão narrativa." *Research, Society and Development* 11.14 (2022): e208111436174-e208111436174. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36174>. Acesso em outubro de 2024.

GONÇALVES, M. F. Ansiedade e depressão na população jovem: tratamentos, eventos adversos e atuação farmacêutica. **Repositório Institucional Universidade de São Paulo**, v. 3, n. 1, p. 14-32, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/60725>. Acesso em outubro de 2024.

IANKE, Sílvia Scheid, et al. "CONSEQUÊNCIAS DO ISOLAMENTO DEVIDO AO COVID-19 PARA ADOLESCENTES BRASILEIROS." *Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais* 22 (2024). Acesso em novembro de 2024.

JUNIOR, Wladimir Pereira Courte et al. ADOLESCÊNCIA E REDES SOCIAIS: A CONTRIBUIÇÃO DO USO INDISCRIMINADO DAS MÍDIAS NO DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 10, p. 4181-4196, 2024. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/4064>. Acesso em março de 2025.

MARTINS, Fran et al. Na América Latina, Brasil é o país com maior prevalência de depressão. 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-49172>. Acesso em abril de 2025.

MELO, Anna Karynne; SIEBRA, Adolfo Jesiel; MOREIRA, Virginia. Depressão em adolescentes: revisão da literatura e o lugar da pesquisa

fenomenológica. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 37, p. 18-34, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-37030001712014>. Acesso em outubro de 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Na América Latina, Brasil é o país com maior prevalência de depressão. Publicado em 22/09/2022, atualizado 04/11/2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/na-america-latina-brasil-e-o-pais-com-maior-prevalencia-de-depressao>. Acesso em outubro de 2024.

NASCIMENTO, ESDO; DUARTE, Ana Lara Mendes. Covid e Depressão: o reflexo da pandemia na utilização de antidepressivos por adolescência/Covid and Depression: the reflection of the pandemic on adolescence use of antidepressants. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 6, p. 45381-45396, 2022. Disponível em: DOI:10.34117/bjdv8n6-184. Acesso em abril de 2025.

NEUMANN, Ana Luisa et al. Impacto da Pandemia por Covid-19 sobre a saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. **Pandemias: impactos na sociedade. Belo Horizonte (MG): Synapse**, p. 56-66, 2020. Disponível em: DOI 10.36599/editpa-2020_pan0006. Acesso em abril de 2025.

NEVES, A. L. A. (2015) "Tratamento farmacológico da depressão". Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10284/5309>. Acesso em outubro de 2024.

OLIVEIRA, Bruna Amaral. Uso de antidepressivos em adolescentes: uma revisão de escopo. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/58943>. Acesso em abril de 2025.

ONOCKO-CAMPOS, Rosana Teresa et al. Avaliação de estratégias inovadoras na organização da Atenção Primária à Saúde. **Revista de Saúde Pública**, v. 46, p. 43-50, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102011005000083>. Acesso em outubro de 2024.

SANTOS, Thaynan Silva et al. Reflexo da pandemia na saúde mental dos adolescentes. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 2, n. 6, p. e26498-e26498, 2021. Disponível em: DOI: 10.47820/recima21. Acesso em abril de 2025.

VALADARES, Jessyka Viana; ROSA, Liandra Viana; PRETO, Silne Maria Lopes Rio. Uso de Antidepressivos em Adolescentes: uma Revisão Sistemática da Literatura. **Revista Cereus**, v. 14, n. 1, p. 288-303, 2022. Disponível em: DOI 10.18605/2175-7275/cereus.v14n1p288-303. Acesso em abril de 2025.

VALENÇA, Renata Cristiny Pereira; GUIMARÃES, Shayane Barros; DA PAIXÃO SIQUEIRA, Lidiany. Prescrição e uso de antidepressivos em crianças e adolescentes—uma revisão da literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 94860-94875, 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n12-101>. Acesso em abril de 2025.